



## Discurso no Banquete de Gala\*

*Friedrich August von Hayek\*\**

Vossa Majestade, Vossa Alteza Real, Senhoras e Senhores,

Agora que foi criado o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, só se pode ser profundamente grato por ter sido selecionado como um dos seus co-agraciados, e os economistas, com certeza, têm todos os motivos para serem gratos ao Banco da Suécia por considerar esse tema como digno desta grande honra.

Ainda assim, devo confessar que, se tivesse sido consultado sobre a determinação de um Prêmio Nobel de Economia, teria me oposto categoricamente.

Uma das razões seria o temor de que tal prêmio, como acredito ser verdadeiro para as atividades de algumas das grandes fundações científicas, tenderia a acentuar as oscilações do modismo científico.

A Comissão de Seleção refutou esta apreensão de forma brilhante ao outorgar o prêmio a uma pessoa como eu, cujas opiniões são tão fora de moda.

Não posso demonstrar a mesma tranquilidade quanto à minha segunda causa de apreensão.

É que o Prêmio Nobel confere a um indivíduo uma autoridade que, em Economia, nenhum homem poderia concentrar.

Tal fato não é relevante em Ciências Naturais. Nesse campo, a influência exercida por um indivíduo é, sobretudo uma influência sobre seus pares especialistas; e esses logo o redimensionam se ele for além de sua competência.

Mas a influência do economista que importa mais que tudo é o alcance sobre os leigos: políticos, jornalistas, funcionários públicos, e público em geral.

\* Discurso de Friedrich August von Hayek no Banquete de Gala por ocasião da Entrega do Prêmio Nobel, em 10 de dezembro de 1974.

Traduzido do original em inglês para o português por Beatriz Caldas.

\*\* **Friedrich August von Hayek** nasceu em Viena, no dia 8 de maio de 1899, na ocasião, ainda Império Austro-Húngaro. Recebeu os títulos de doutor em Direito (1921) e em Ciência Política (1923) pela Universidade de Viena, onde também estudou Filosofia, Psicologia e Economia. Com a ajuda de Ludwig von Mises (1881-1973), no final da década de 1920, fundou e dirigiu o Austrian Institute for Business Cycle Research. Ingressou no quadro docente da London School of Economics em 1931, onde lecionou até 1950. Tornou-se súdito inglês em 1938 e, em março de 1944, lançou seu famoso livro *O Caminho da Servidão* (Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010). Mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu de 1950 a 1962, como professor da University of Chicago. Lecionou entre 1962 e 1968 na Universidade de Freiburg, na Alemanha Ocidental. Entre 1968 e 1969 foi professor visitante de Filosofia da University of California. De 1969 a 1977 foi professor de Economia da Universidade de Salzburg, na Áustria. Em 1974, recebeu o Prêmio Nobel de Economia por seus trabalhos pioneiros sobre Teoria Monetária e flutuações econômicas, bem como pelas penetrantes análises acerca das inter-relações entre a economia e os fenômenos sociais. Faleceu em 23 de março de 1992, em Freiburg, na Alemanha.

Não há razão alguma pela qual um homem que tenha feito uma contribuição marcante para a ciência econômica deva ser onipetente em relação a todos os problemas da sociedade – como a imprensa tende a tratá-lo, até que no final, ele próprio possa vir a ser convencido a assim crer.

Convence-se um indivíduo até mesmo a sentir como dever público pronunciar-se sobre problemas aos quais pode não ter dedicado atenção especial.

Não tenho certeza de que é desejável fortalecer a influência de alguns economistas por intermédio dessa cerimônia tradicional, alvo de olhares, reconhecimento de realizações, já, talvez, de passado distante.

Por isso, estou quase inclinado a sugerir que vós exijais dos laureados um juramento de humildade, uma espécie de juramento de Hipócrates, segundo o qual o premiado, em pronunciamentos públicos, nunca vá além dos limites de sua competência.

Ou, pelo menos, ao conferir o prêmio, vós deveríeis lembrar ao agraciado o sábio conselho de um dos grandes homens de nossa área, Alfred Marshall (1842-1924), que escreveu: *“Os estudantes de ciências sociais devem temer a aprovação popular: o Mal os acompanha quando todos os homens os elogiam”*. ∞